



Linguagem Corporal à Frente da Bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo

Pricila Aparecida Aita¹

Resumo

Neste artigo o objetivo é descrever como se configura a linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro. Para isso, aplico os pressupostos teóricos de Kyrillos, Cotes e Feijó que desenvolveram estudos sobre a linguagem corporal, ou seja, os usos da linguagem não verbal na televisão. A partir desse referencial teórico desenvolvo a análise tendo como *corpus* cinco edições consecutivas (uma semana útil) do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, durante o mês de abril. Entre outros itens percebidos, foi possível identificar que os gestuais do editor-chefe e âncora, William Bonner, são mais acentuados que os da editora executiva e âncora, Fátima Bernardes. Tanto os gestuais manuais quanto os faciais de ambos, entretanto, são altamente regulados com vistas a contribuir ao fechamento de sentido da mensagem.

Palavras-chave: *Linguagem não-verbal; Telejornalismo; Comunicação; Bancada; Jornal Nacional.*

1. Introdução

A linguagem verbal coloca-se como a principal e mais importante forma de comunicação, pois está presente na vida humana de maneira mais incisiva. Há, porém, outros recursos de linguagem, como a não verbal (cores, formas, design, luz) que também são responsáveis por exercer relevante papel, pois têm o propósito de fechar o sentido das mensagens e contribuir no processo comunicacional. Um desses tipos de linguagem não verbal é a corporal que, no telejornalismo, pode ser manifestada pela postura e gestuais do

¹ Acadêmica do sétimo semestre, do curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen. E-mail: p.aaita@yahoo.com.

jornalista diante da câmara. Quando esse profissional está em estúdio, em uma bancada, seu gestual, sua linguagem corporal, assume uma proporção ainda maior.

Essa linguagem muitas vezes não é percebida pelo telespectador, mas tem grande colaboração no esforço de fechamento de sentido da mensagem. Neste trabalho volto o olhar à linguagem corporal dos âncoras na tentativa de entender como o corpo é capaz de oferecer suporte à transmissão, por exemplo, de posicionamentos pessoais e/ou editoriais não presentes ou não explícitos no texto verbal falado.

O Jornal Nacional² é um telejornal que compõe a grade de programação da Rede Globo de Televisão, desde 1º de setembro de 1969³ e, ao longo dos 40 anos de exibição, muitas coisas aconteceram. O cenário mudou, os apresentadores já não são os mesmos, a postura adotada pelos âncoras é mais informal, porém a maneira de noticiar parece continuar a mesma e não tem a pretensão de afetar a credibilidade da notícia. E essa informalidade adotada através da postura pode ser percebida pela linguagem corporal dos apresentadores, em que esses gestuais vêm ao encontro do texto verbalizado não tendo interferência no sentido da notícia que é transmitida ao telespectador.

E muitas vezes, no telejornalismo, a linguagem corporal é capaz de despertar uma interpretação inadequada por parte do telespectador. Os âncoras ao manifestarem essas expressões, na grande maioria das vezes, não estão emitindo uma opinião, quem se apropria desta significação é o próprio público. E a maneira como o âncora transmite as informações acaba gerando uma empatia do telespectador. É na tentativa de esclarecer esse tipo de acontecimento que proponho este trabalho, buscando perceber e compreender os gestuais desenvolvidos pelos apresentadores de telejornais, especificamente do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão e, também buscando descrever esses recursos de linguagem corporal adotados, mas que nem sempre são tão nitidamente percebidos. Não pretendo fazer uma análise de consumo ou de recepção, mas sim uma análise do uso desses recursos dentro do veículo Jornal Nacional.

Para desenvolver o referencial teórico do trabalho, precisei empreender uma grande busca de material que tratasse da linguagem corporal, pois foi essa a grande dificuldade encontrada, haja vista a escassez de obras que trabalhem a linguagem corporal na área de comunicação, especialmente no telejornalismo. Em geral, as publicações que

² Atualmente é o programa que obtém o maior índice de audiência e, por isso, possui o mais caro espaço publicitário da história da televisão brasileira. Bazi (2001) relata que um comercial de 30 segundos, em março de 2000 custava R\$ 126.854,00.

³ Dados do livro Jornal Nacional: A notícia faz história de Jorge Zahar, 2004.

abordam a linguagem corporal, são mais voltadas ao teatro. A única obra que se aproximou da minha proposta foi o livro “Voz e Corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação” das fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes e Feijó (2006).

Este artigo não tem como objetivo articular sobre o que é certo e o que é errado ou, ainda, qual a expressão gestual mais coerente para ser usada, mas sim, descrever como se configura a colaboração da linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro. Para tanto, desenvolverei um estudo de caso, por meio do qual pretendo relatar o que se pode perceber nas edições analisadas do Jornal Nacional, este o objeto de meu estudo. Ao escolher trabalhar com a linguagem corporal não desconsidero os demais recursos de composição do telejornalismo (cenografia, iluminação e a própria linguagem verbal), pois compreendo sua contribuição no processo de composição do contexto geral da análise.

Para tentar entender como se configura a colaboração da linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro falarei, nas seções que integram este artigo, sobre as seguintes temáticas: primeiro apresento a história do telejornalismo no Brasil, as contribuições trazidas para a sociedade, e estabeleço a relação bancada/estúdio, o contexto espacial em que os âncoras estão inseridos e, também abordo o conceito de ancoragem, as funções na bancada; na segunda seção busco falar da linguagem corporal no telejornalismo, abordando de que forma ela pode significar; na terceira seção discorro sobre o Jornal Nacional, com um breve histórico e as mudanças ocorridas; já a quarta seção é dedicada ao método utilizado na pesquisa, onde trato das orientações sobre voz e corpo na televisão sugeridas por Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) que desenvolveram estudos sobre a voz e o corpo na televisão; na quinta seção procedo à análise do *corpus*; e, por fim, na última seção trago minhas considerações sobre a análise e sobre o percurso da pesquisa.

2. Contexto de Telejornalismo e Ancoragem

Ao abordar, nessa seção, o telejornalismo, pretendo traçar brevemente seu histórico, pois acredito que entender como eram suas práticas no início das transmissões e como se deu seu processo de evolução contribui para o entendimento da pesquisa. Especialmente tendo em vista perceber as mudanças que foram ocorrendo, além de se criar/adaptar a linguagem própria do telejornalismo. E ainda busco conceitos para a ancoragem de

telejornais, ou seja, para aquele profissional, o âncora, que está apresentando o programa e que são os ‘personagens’ por mim analisados.

O telejornalismo no Brasil surgiu em 1950, com a TV Tupi. Rezende (2000) aborda em seus estudos que até os anos 60 não existiam redatores, produtores e nem apresentadores especializados em TV, por isso a prática era um espelhamento daquilo que se praticava no rádio e o investimento era voltado aos locutores. Com o passar do tempo, novas técnicas foram sendo agregadas, o que contribuiu para moldar os padrões do telejornalismo atual e, também, para impressionar o público. Essa estratégia colaborou para popularizar tal meio de comunicação, tornando-o:

[...] um fenômeno de massa de grande impacto na vida social. [...] a TV é o meio capaz de prender a atenção de todos os clientes de uma padaria, das pessoas que passam na frente de lojas de departamentos, e de desafogar o trânsito das grandes cidades no momento de a seleção entrar em campo nos jogos da copa do mundo (BARBEIRO e LIMA, 2002, p.16).

Esse engajamento talvez tenha ficado mais expresso com o desenvolvimento do telejornalismo no Brasil, pois com a criação de programas informativos inspirados no modelo americano, esse tipo de produção acabou tornando-se um grande atrativo para os telespectadores (REZENDE, 2000). Afinal, ao mesmo tempo em que ouviam a informação, podiam ver imagens sobre o assunto tratado. Se antigamente a televisão causava esse tipo de impacto, as pessoas paravam para assisti-la, hoje é muito comum estarem executando outras atividades ao mesmo tempo em que “assistem” a um telejornal.

Retomando o percurso histórico, o primeiro telejornal brasileiro⁴, apresentado pela TV Tupi foi o Imagens do Dia, exibido a partir de 19 de setembro de 1950. O primeiro telejornal de sucesso, contudo, foi o Repórter Esso, também da TV Tupi, que ficou no ar até 1970. Com as inovações tecnológicas importadas dos Estados Unidos nos anos 60, surgiu o Jornal Nacional (1969), criado por Armando Nogueira⁵ e inspirado no formato americano que trabalhava com as principais notícias do dia. O noticiário, segundo Zahar (2004), tornou-se o líder de audiência e referência da imprensa nacional. Esse sucesso pode estar associado ao objetivo do telejornal registrado pelo próprio editor-chefe e âncora, William Bonner, uma vez que “O Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de

⁴Dados fornecidos pelo site Sampa Online. Disponível em:

www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001set28.htm Acesso em: 8 abr. 2010.

⁵Jornalista responsável pela implantação do jornalismo na Rede Globo. Trabalho como repórter, redator, colunista. Morreu dia 29 de março de 2010, vítima de um câncer.

mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção” (BONNER, 2009, p.17).

Ainda na rede Globo de Televisão, no ano de 1977, trazendo a Unidade Portátil de Jornalismo – UPJ, nascia o Bom Dia São Paulo que serviu como inspiração para a criação do Bom Dia Brasil, em 1983. Dentro do contexto histórico do telejornalismo brasileiro, pode ser destacada a criação do TJ Brasil, em 1988, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que também foi inspirado no formato americano (ZAHAR, 2004).

Ao longo do processo histórico esses telejornais foram atualizando seus conceitos e aprimorando as técnicas utilizadas. Alguns destes programas como, por exemplo, o Jornal Nacional e o Jornal da Record, estão incorporando essas novas tecnologias e conquistam bons pontos em suas audiências, cada qual no seu horário. Segundo Ibope (REZENDE, 2000), a Rede Globo, no horário do Jornal Nacional atinge 38 pontos e a Rede Record (Jornal da Record) 17 pontos. Essa visibilidade apontada na audiência do Jornal Nacional fazia, em 2001, com que um comercial de 30 segundos custasse R\$ 126.854,00 (BAZI, 2001).

Para Curado (2002) o telejornalismo deveria estar comprometido com a verdade e os jornalistas deveriam assumir uma postura de seriedade, sem demonstrar nenhum tipo de envolvimento com a notícia, ou seja, deveriam ser imparciais. Hoje podemos perceber que alguns telejornais adotam uma postura de maior informalidade, porém acredita-se não terem em momento algum o objetivo de afetar a credibilidade, haja vista ser esta uma das características primeira a ser entendida como representativa da seriedade do telejornal. Piccinin (2007), ao mencionar o público em seus estudos, diz que “ao assistirem um telejornal, as pessoas também procuram sentidos para a realidade que as cerca. Elas aprendem ativamente e atribuem significados, ressignificam o mundo do telejornalismo, na experiência do seu dia a dia.” (PICCININ apud VIZEU, 2007, p.7). É por isso, que essa credibilidade associada com o impacto das imagens gera “sentidos de verdade” no público.

No caso da informalidade, ela é bastante percebida quando o repórter passa a ancorar a produção e vai para a bancada, no estúdio. Quando esse profissional assume a função de âncora, sua responsabilidade tende a aumentar, entre outras razões, graças à pressão de estar em um estúdio fechado, com câmaras movimentando-se e, também, pela busca da precisão nas palavras, pois não tem a possibilidade de uma nova tomada haja vista tratar-se de uma transmissão ao vivo. Por isso, as apresentações em estúdio são consideradas por Yorke (1998) mais apreensivas, pois o apresentador não tem a

possibilidade de gravar novamente como os repórteres que saem para fazer as reportagens. Qualquer falha da produção e, principalmente, de quem está na bancada é motivo para posteriormente comentar e discutir.

O estúdio é o ambiente em que os apresentadores estão em uma situação mais controlada do que se estivesse fora dele, pois além de estar amparado por uma equipe maior, a sua atividade restringe-se a relatar as informações que os repórteres já saíram para coletar. A responsabilidade de estar em uma transmissão ao vivo, porém, requer do profissional competência e seriedade, afinal geralmente o âncora é uma pessoa que tem experiência, para ter domínio de todas as situações (YORKE, 1998).

O âncora não necessariamente é quem produziu a matéria noticiada. Na verdade, em geral, não o é. Também pode ser conhecido como “*anchorman*”, termo este usado pelos americanos, nos dias de hoje, para designar o profissional que, além de apresentar o telejornal costuma acumular a atividade de editor-chefe ou editor executivo. Ele precisa saber de todas as diretrizes:

O âncora conhece toda a cadeia de produção jornalística e é, indiscutivelmente, pessoa com ascendência e autoridade na equipe. Ele não é importante porque é o principal contato da audiência com o programa, mas pela liderança, coordenação e pelo profundo entendimento da sua circunstância e dos interesses públicos (CURADO, 2002, p. 54-55).

É aquele profissional que cuida diretamente de todos os comandos da produção de conteúdo (escrito, gráfico, imagem, etc.), além de fazer encadeamentos e amarrar as notícias, moldando-as ao estilo do telejornal. O âncora começa seu trabalho muito antes do telejornal ir ao ar. Ele precisa estar na redação durante todo o processo de montagem, para decidir e conhecer o que será noticiado.

Uma característica bastante marcante nos telejornais, de maneira geral, é a presença de dois apresentadores, proporcionando um maior dinamismo para a apresentação do programa:

Uma apresentação múltipla pode ser motivada pela necessidade de os âncoras focalizarem diferentes centros, de introduzir ritmo e variedade ou de aliviar as pressões sobre um único jornalista, que enfrenta programas mais longos e tecnicamente complicados (YORKE, 1998, p.146).

Essa opção, por ter o noticiário ancorado por mais de um profissional, também proporciona a possibilidade de interação aos dois jornalistas. Se eles já estiverem trabalhando juntos por mais tempo, não apenas essa interação será maior, como ambos vão

desempenhá-la de forma mais espontânea e natural, sem causar estranhamento para o público. Isso vem ao encontro do que defendem Barbeiro e Lima (2002) quando dizem que o profissional da bancada precisa estar muito atento a sua postura, pois ela tem sido um dos defeitos mais comuns dos apresentadores de televisão. Portanto, um uso ruim ou não planejado da linguagem corporal pode deixar o telespectador, confuso, incomodado ou talvez nem perceba a manifestação de uma expressão do apresentador, o que ressalta a relevância da atenção a esse recurso de linguagem e do preparo para seu uso. Por isso, na seção seguinte trato da linguagem corporal no telejornalismo e busco desenvolver os principais tipos de gestuais manuais e faciais, aqueles mais utilizados pelos apresentadores que estão à bancada de um telejornal.

3. Linguagem Corporal e Telejornalismo: Possíveis Usos

É muito comum as pessoas gesticulem, movimentarem partes do rosto (como as sobrancelhas) e até mesmo moverem o próprio corpo, com propósitos comunicacionais, sejam eles voluntários ou involuntários. Grotowski (apud KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p.67) diz que “o essencial é que tudo deve vir do corpo e através dele. Primeiro, e acima de tudo, deve existir uma reação física a tudo o que nos afeta. Antes de reagir com a voz, deve-se reagir com o corpo. Se o homem pensa, deve pensar com o corpo”.

As fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) estimam que cerca de 70% da expressividade de um comunicador recai sobre o não verbal, o que quer dizer, no telejornalismo, que o ouvinte é apreendido não tanto pelo que se diz, mas pelo como é fisicamente dito. Assim considerando um produto audiovisual, essa comunicação não verbal envolve a expressividade do corpo transmitida por gestos, expressões faciais e mudança de postura corporal.

No telejornalismo a postura inadequada tem sido um dos grandes problemas. Yorke (1998) diz que para não haver dificuldades durante o programa, é importante que o apresentador ajuste-se na bancada antes de começar a gravação, pois isso ajuda a não ter complicações com a postura do decorrer do telejornal. A postura interfere na imposição da voz e, por isso, é importante estar com a postura correta, uma vez que “a boa comunicação pede que o tronco esteja bem encaixado nos quadris e a coluna ereta, indicando flexibilidade. A cabeça deve ter movimentação, sutil e discreta” (CURADO, 2002, p.66).

Não é, entretanto, esse tipo de linguagem corporal que os âncoras desenvolvem durante o telejornal. Até mesmo um levantar de sobrancelhas pode ter um significado interpretativo para o telespectador. As expressões faciais são corriqueiras e podem acontecer naturalmente sem que o apresentador perceba que a fez, afinal “o semblante funciona como indicador de coerência e sinceridade reforçando o que está sendo falado” (CURADO, 2002, p. 66). Isso pode revelar algo que estamos pensando ou, até mesmo, sentindo.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2006, p. 82) atribuem à expressão facial a função de “[...] principal fonte de informação não-verbal, pois apresenta um grande potencial comunicativo, revelando estados emocionais”. Muitas vezes, esses estados emocionais podem estar associados com a própria simpatia para conquistar o telespectador, ou acontecem de maneira involuntária por parte dos apresentadores. Esses gestuais faciais são percebidos pelo telespectador porque ele “tende a ver o rosto na TV em dois planos: do nariz para cima e do nariz para baixo” (KYRILLOS, COTES, FEIJÓ, 2006, p. 84).

Os espectadores de telejornais precisam entender as notícias no momento exato em que elas estão sendo exibidas, instantaneamente, pois se na mídia impressa, por exemplo, há chance de reler o conteúdo, na televisão isso já não é possível.

O leitor de um jornal interrompe sua leitura quando quiser ou necessitar – e a retomará quando puder ou quiser. Isso não comprometerá a compreensão daquilo que ele lê. No máximo uma interrupção lhe tomará mais tempo para concluir a leitura. Se uma frase não lhe parecer clara, ele a lerá de novo. E de novo. E voltará à frase anterior, se necessário (BONNER, 2009, p.228).

Qualquer ruído comunicacional pode ser percebido pelo telespectador, por isso é muito importante que as expressões feitas pelos âncoras sejam condizentes com as informações noticiadas, afinal “o corpo tem uma linguagem que transmite mensagens nem sempre coerentes com o que é falado” (CURADO, 2002, p.66). Esse descompasso entre o que é dito verbal e não verbalmente pode gerar confusão e causar incômodo ao telespectador, tanto que o tom da voz do apresentador nas notícias pode contribuir para o entendimento da mensagem.

Na comunicação social, para que não ocorra esse tipo de incômodo no público, os apresentadores procuram ajuda com profissionais como os fonoaudiólogos. Ao contrário do que se pode imaginar, estes não são capazes de colaborar apenas com a dicção. As

contribuições desses profissionais contemplam, inclusive, a postura correta que pode interferir na expressividade das palavras.

Na fala contemporânea, os gestos ocorrem naturalmente, acompanhando nosso raciocínio e, então, temos as diferenças pessoais: algumas pessoas gesticulam mais, outras menos, algumas se expressam melhor do que outras, têm mais carisma, são simpáticas, sedutoras, originais e assim por diante, mas qualquer pessoa, com algum treino, pode tornar-se expressiva (KYRILLOS, COTES e FEIJO, 2003, p.70).

A expressividade das pessoas acontece de maneira natural, por isso é quase impossível que um âncora não manifeste alguma expressão corporal, porque a linguagem corporal acompanha o que nossa boca vai dizer, afinal, “o corpo todo fala. Os gestos, os olhos e, finalmente a boca” (CURADO, 2002, p.66). A linguagem corporal pode ter grande participação na interpretação das informações por parte do público de um telejornal. É possível afirmar que todos os apresentadores de todos os telejornais fazem uso de alguns gestuais. Com o Jornal Nacional não é diferente. O diferencial, talvez, seja a intensidade e a frequência com o que esses recursos de linguagem corporal são usados.

Para compreender um pouco mais sobre o objeto que proponho analisar, na próxima seção trago elementos contextuais acerca do Jornal Nacional. Procuro tratar, além do histórico de seus 40 anos, do funcionamento das suas edições e das mudanças que aconteceram ao longo de sua existência.

4. Jornal Nacional

Em 1º de setembro de 1969, às 19 horas e 45 minutos, o Jornal Nacional foi transmitido pela primeira vez. Zahar (2004) relata que quem estava apresentando o telejornal era Hilton Gomes e Cid Moreira. Com duração de 15 minutos, era transmitido de segunda-feira a sábado. E as manchetes eram lidas alternadamente pelos dois apresentadores, como ainda hoje ocorre.

Os recursos técnicos da época impunham dificuldades. Os equipamentos eram muito pesados e não permitiam a agilidade necessária para a produção das reportagens e, além disso, muitos desses recursos, como por exemplo, o *videotape* (sistema de som utilizado para a gravação de som e imagem), só eram utilizados pela dramaturgia e pelo entretenimento (ZAHAR, 2004).

O Jornal Nacional não foi o primeiro telejornal da programação da Rede Globo de Televisão. Ainda em 1969 já existiam outros, porém ele foi o primeiro telejornal em rede,

ou seja, a que todo o Brasil poderia assistir simultaneamente (ZAHAR, 2004). Desde essa época o modelo do telejornal já estava moldado: dois apresentadores sentados à bancada alternando-se na apresentação das notícias.

Com o passar do tempo o Jornal Nacional foi incorporando tecnologias, o que facilitava a cobertura dos fatos. Um dos marcos foi em 1972, a chegada da cor para a televisão (ZAHAR, 2004). Surgem correspondentes internacionais, são criadas as editorias, incorporam-se os debates políticos. Além disso, o programa trabalhou e continua trabalhando com as coberturas nacionais e internacionais, o cenário apresenta mudanças no visual e os apresentadores também mudaram. Há alguns detalhes, entretanto, que não mudaram no telejornal. Um deles é a logo JN, que continua do mesmo jeito que há 40 anos⁶.

Em 1996, William Bonner passa a ser o apresentador e editor-chefe do telejornal e, dois anos mais tarde, Fátima Bernardes assumia a bancada ao seu lado. Hoje, além de apresentadores, William e Fátima são, respectivamente, editor-chefe e editora executiva do Jornal Nacional. Ambos participam de todo o processo de montagem do telejornal (reunião de pauta, divisão das pautas, andamento das matérias, edição). Todos os profissionais que trabalham no Jornal Nacional precisam ter claro o objetivo básico: “mostrar o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com clareza, correção, isenção e pluralidade” (BONNER, 2009, p. 93).

O Jornal Nacional não tem apenas as coberturas e reportagens especiais. Em 2006 criaram a Caravana JN, em que os apresentadores e a produção percorreram cidades importantes do Brasil para apresentar o telejornal. Essas transmissões eram feitas via satélite e apenas um dos âncoras deslocava-se do estúdio.

Rezende (2000) aponta o Jornal Nacional como o principal programa jornalístico não apenas da Rede Globo, mas do país. E essa importância pode ser indicada, entre outros fatores, pelos índices de audiência que, em 1997, atingia em média 40% dos aparelhos ligados. Esses indicadores, contudo, podem ser explicados por dois fatores: primeiro que é exibido por um canal aberto, pois ainda hoje são poucas as pessoas que têm acesso a canais por assinatura e/ou TV a cabo. E não é apenas por questões financeiras, pois, “as dificuldades de acesso ultrapassa [sic] a instância da condição socioeconômica e se manifesta em decorrência também dos desníveis culturais” (REZENDE, 2000, p. 28). Um

⁶ Cf. ZAHAR (2004) e BONNER (2009).

segundo possível fator é que, após o telejornal, é exibida a novela, “o telejornalismo [...] atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem que vê-la, enquanto espera a novela” (REZENDE, 2000, p.23-24).

Com mais de 40 anos, o Jornal Nacional tem sido objeto de muitos estudos acadêmicos que, além de analisarem os processos produtivos, também partem para segmentos que não são facilmente percebidos pelos espectadores, mas que têm grande importância no contexto da informação, como é o caso da linguagem corporal. Para desempenhar a análise dessa linguagem adoto alguns pressupostos teórico-metodológico sobre os quais me detenho na seção que segue.

5. Método

Segundo Rezende (2000), o Jornal Nacional é um dos telejornais mais vistos pela sociedade. Sua experiência de mais de 40 anos faz com que o público já tenha afinidade com a maneira de apresentação das notícias e, até mesmo, tenha adquirido certa familiaridade e simpatia pelos seus apresentadores e repórteres. Neste trabalho pretendo analisar a linguagem não verbal dos apresentadores (William Bonner e Fátima Bernardes), através da descrição das expressões faciais e corporais que acontecem durante a exibição do telejornal.

Não pretendo desempenhar, aqui, análises de consumo ou recepção. Pretendo, sim, fazer uma análise de produto, ou seja, especificamente o Jornal Nacional. Dentro dessa perspectiva, então, minha pesquisa caracteriza-se por um estudo de caso. Nessa modalidade investigativa “o alvo são as características que um caso tem de único, particular e singular” (RAUEN, 2002, p. 210). Por isso proponho-me a estudar, especificamente, o Jornal Nacional, desconsiderando os demais telejornais, pois pretendo analisar as características únicas, particulares e singulares dos gestuais desenvolvidos pelos âncoras desse programa telejornalístico.

O Jornal Nacional é exibido semanalmente de segunda-feira a sábado, no horário entre 20 horas e 15 minutos e 21 horas. Ao longo desses dias, muitas vezes, alguns âncoras, revezam-se à frente da bancada. Especialmente aos sábados, não apresentam o telejornal nem William Bonner e nem Fátima Bernardes. Por isso, para preservar a paridade de análise, optei por coletar as edições do telejornal exibidas em uma semana útil

(segunda à sexta), entre 12 e 16 de abril de 2010. Além de ser uma semana neutra, ou seja, sem eventos especiais que poderiam interferir na caracterização típica que o telejornal costuma ter e, também, porque estou interessada, em especial nos gestuais desenvolvidos pelos apresentadores e, respectivamente editor-chefe e editora executiva, William e Fátima.

Nesta análise, portanto, proponho-me a descrever como a linguagem corporal dos âncoras configura-se e qual a atuação no processo de comunicação. Para tanto, as edições que compõem o *corpus* foram gravadas, assistidas, descritas, transcritas e analisadas. Para colaborar no processo de composição da descrição do contexto em que a linguagem corporal está inserida, algumas cabeças e notas peladas também foram transcritas, pois as linguagens verbais e não verbal complementam-se no esforço do estabelecimento de sentido para aquilo que está sendo dito (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006).

Para isso, o conteúdo metodológico da pesquisa está fundamentado nas orientações fornecidas pelas fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes e Feijó que trabalham com os conceitos sobre linguagem corporal como: a forma como esta pode ser usada; qual a melhor expressão para determinadas situações; como a linguagem corporal pode ter diversos significados; e, como o contexto em que estiver inserida essa linguagem pode contribuir para a sua interpretação. A limitação de fontes para a construção da metodologia mostrou-se como uma das grandes dificuldades para a realização deste artigo, uma vez que a maioria dos trabalhos existentes relaciona-se à linguagem corporal no teatro. Devido a essa falta de material, trabalho apenas com a obra dessas fonoaudiólogas.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) são fonoaudiólogas e trabalham na área há mais de 10 anos. Segundo os dados trazidos em sua obra, Leny Kyrillos é a coordenadora do setor de fonoaudiologia da TV Globo atuando na Central Globo de Jornalismo de São Paulo. Cláudia Cotes trabalha com os repórteres da EPTV (afiliada da TV Globo) e Deborah Feijó é a fonoaudióloga da Central Globo de Jornalismo do Rio de Janeiro. Além de trabalharem os conceitos da linguagem corporal na comunicação, as três fonoaudiólogas também atuam na emissora produtora do programa sobre o qual proponho a análise. Com base nessas autoras, então, a partir de agora descrevo as linguagens corporais dos âncoras tais como, os gestuais manuais (presença, ausência, excesso, gestos inadequados) as expressões faciais (os meneios de cabeça, olhos, sobrancelhas, boca, lábios).

Segundo Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) os gestuais manuais tentam demarcar o que está sendo dito verbalmente. As mãos, por exemplo, “desenham” a fala, pontuando e

fixando suas idéias [sic] para o ouvinte” (KYRILLOS, COTES, FEIJÓ, 2006, p.72). Quando essas mãos, uma sobre a outra, estão repousadas sobre a bancada indicam uma posição de neutralidade. Há também os *gestos ilustradores*, que são aqueles que indicam a enumeração. Para ocorrer, por exemplo, numa cabeça de matéria em que são citados três suspeitos de um assassinato e o âncora faz o gesto com a mão do número 3. O *gesto de demonstração* é o que acredito ser o mais utilizado pelos repórteres, pois é um gesto que tem por objetivo demonstrar e, na bancada os âncoras não tem o que ‘mostrar’ para o público. Os *gestos reguladores* “são aqueles que apenas marcam o ritmo da fala, dão maior dinamismo à apresentação” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p.76). Acredita-se que esse tipo de gestual dê mais credibilidade ao que está sendo mencionado. Destacam-se, ainda, gestuais como de *demarcação* (quando o apresentador fica apontando para a mesa com o dedo indicador), *dúvida* (as palmas da mão voltadas para cima) e os de *negação* (palmas da mão voltadas para baixo realizando o sinal negativo).

Os gestuais faciais colaboram com o propósito de completar ou qualificar os textos verbais (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006). As sobrancelhas, por exemplo, quando estão abaixadas “demonstram concentração, reflexão e seriedade” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p. 83). Já quando franzidas, seu significado pode estar associado à preocupação. A elevação das sobrancelhas pode indicar surpresa, indignação ou, até mesmo, alegria.

A boca e os lábios também exercem uma função importante, porém se essa articulação for feita de maneira exagerada, pode, pelo exagero, chamar em demasia a atenção do telespectador, pois como Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) abordam, as pessoas tendem a ver as expressões do nariz para cima ou do nariz para baixo, e caso essa expressão da boca aconteça mais acentuadamente, pode dispersar a atenção do público sobre o que está sendo dito verbalmente. No sentido oposto, o da atração da atenção, um leve sorriso no meio ou no final de uma matéria, pode causar empatia entre o telespectador e o apresentador.

Os meneios de cabeça, ou seja, os movimentos que o apresentador faz com a cabeça “podem pontuar frases, acompanhar a entonação e reforçá-la” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p.86). Esses meneios podem ser: para frente, para os lados, para baixo ou, ainda, para cima.

Muitas vezes, a linguagem não verbal do apresentador, como Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) comentam, pode despertar a atenção do telespectador, por isso esse recurso de

linguagem atua em um importante componente de transmissão da mensagem que é o “como” as coisas são ditas. Um fator importante que as autoras ressaltam, e que interfere na atuação desses recursos de linguagem, está relacionado ao corte da imagem, pois “por trabalhar com enquadramentos fechados, a televisão acaba ampliando os gestos e o mínimo movimento pode adquirir significado” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2006, p.71). Nos programas em que os apresentadores estão de pé, os quadros tendem a ser mais abertos, o que de certa forma não valoriza tanto esse detalhamento.

Para Sodré (1984) o enquadramento das imagens determina a inteligibilidade das mesmas, assim a composição destes elementos passa a ser importante para marcar o vídeo.

[...] as ações possíveis (inclusive as dramáticas) são aquelas que exploram, em primeiro lugar, a personalidade individual, colocando a ação de grupo como subordinada. Este é um dos motivos pelos quais a novela se presta tão bem à televisão. Ao mesmo tempo, tudo isto vem ao encontro de uma regra de ouro da direção de tevê, segundo a qual a função primordial dos elementos secundários é ambientar o objeto principal (SODRÉ, 1984, p.75-76).

Num telejornal apresentado a partir de uma bancada, como é o caso do Jornal Nacional, o exemplo dado por Sodré parece adequado, pois o enquadramento utilizado no estúdio (mais fechado nos apresentadores) faz com que os demais elementos de composição do cenário (secundários) potencializem o objeto principal, que são os apresentadores.

Uma vez identificado o objeto ao qual lanço olhar e circunscrito o método analítico, procedo, na próxima seção, à análise do *corpus*.

6. Análise

O Jornal Nacional é um telejornal apresentado a partir de uma bancada instalada em um estúdio anexo à redação. O cenário do telejornal ocupa uma espécie de mezanino a partir do qual se tem, ao fundo e abaixo, a visão das ilhas e estações de trabalho dos produtores, redatores, editores e repórteres. No teto do estúdio, percebe-se a presença de um globo que, durante as exibições do telejornal, gira suavemente, simulando o movimento de rotação da Terra.

Atualmente os principais âncoras do Jornal Nacional são William Bonner e Fátima Bernardes, que apresentam o telejornal durante, praticamente, toda a semana. Nas edições

coletadas para análise, ambos estiveram à bancada integralmente. William sempre ocupa o canto esquerdo do vídeo e Fátima o direito.

William Bonner é formado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes de São Paulo (ECA/USP). Trabalha no Jornal Nacional desde 1996, quando entrou como apresentador e, em 1999 passou a acumular a função de editor-chefe, cargo responsável por todo o processo de montagem do telejornal. Por ser o editor-chefe, as matérias de maior impacto são noticiadas por ele. Além disso, quando uma matéria traz um assunto que precisa ser explicado, é ele quem desempenha essa função. Um exemplo disso foi o acordo assinado pelos EUA, no dia 13 de abril: Fátima chamou a matéria, mas quem explicou que tipo de acordo era aquele foi William. Outro traço marcante é que ele apresenta uma seriedade maior, se comparado a ela, pois está praticamente o tempo integral com as sobancelhas abaixadas.

Quando, por algum motivo, um determinado assunto precisa de interferência (um dado que Fátima se esqueceu de dizer, uma informação que surgiu durante o telejornal), quem executa essas intervenções é William, assim como, as correções de matérias internacionais e que tiverem repercussão maior. Essas pontuações corroboram outro dado: a posição hierárquica que cada um ocupa no telejornal. Tal posição é expressa, entre outros elementos, pela disparidade de ocorrências de recursos não verbais utilizados por ele e por ela: William executa 587, já Fátima apenas 403.

Fátima Bernardes é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Está no Jornal Nacional desde 1998 e, além de apresentadora, também é a editora executiva do telejornal, ou seja, responsável por dizer quem sai pra “onde” fazer “o quê”. Na grande maioria das vezes é quem introduz uma matéria, de maior impacto, mas é William quem acaba explicando, dando um contexto maior para o assunto que será noticiado. Ela introduz as informações sobre o mercado financeiro. E faz correções das matérias que tem pequenos dados errados, mas estas são apenas matérias nacionais, que não abrangem uma grande repercussão.

Numa primeira análise, percebo que os principais gestos realizados por ambos são de demarcação com as mãos, os meneios de cabeça e elevação de sobancelhas. Esses gestos são os mais fáceis de identificar, até porque estão muito presentes no dia a dia de qualquer pessoa, pois constantemente movimentamos nossa cabeça, utilizamos as mãos para explicar algo que verbalizamos ou ainda fazemos movimentos com os olhos e as sobancelhas para, por exemplo, demonstrar se estamos entendendo ou não determinado

assunto. Ainda podem ser percebidos dentro do contexto que Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) mencionam em seus estudos, que são gestos que nos acompanham desde a nossa infância, quando começamos a explicitar as primeiras palavras. E, sendo assim, percebo que essas primeiras implicações fazem com que a linguagem corporal se configure como um reforço, um acompanhamento para o que é verbalizado.

Dentro dos estudos de telejornalismo, como Curado (2002) e Rezende (2000) apresentam o enquadramento exerce função importante para visual e compreensão das linguagens não verbais que são apresentadas no telejornal, pois tudo o que estiver sendo registrado pela câmara o telespectador poderá ver. Assim, o enquadramento da imagem dos apresentadores também permite fazer esse tipo de observação, pois, por estarem sentados à bancada, visualizamos apenas a parte superior do tronco, membros superiores e cabeça dos apresentadores, proporcionando assim a valorização dessas expressões não verbais. Estas estão classificadas em tabelas que identificam o desenvolvimento de suas ocorrências ao longo da semana analisada, dia a dia. Ainda para facilitar a abordagem analítica da linguagem não verbal, a seguir, primeiro segmento de minha análise entre gestuais manuais e faciais para, depois, traçar ponderações sobre a relação/cominação entre esses recursos gestuais para estabelecer como se configura a colaboração dos mesmos no processo de comunicação.

6.1. Gestuais Faciais

As expressões faciais podem ser percebidas em duas etapas, pois como já mencionei em uma seção anterior, Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) descrevem que temos a tendência em separar as expressões faciais do nariz para cima e/ou do nariz para baixo. Assim, observados de forma isolada, ficam mais nítidos os movimentos de sobrancelhas, dos lábios e da boca. Ao fazer a transcrição das cabeças⁷ e notas peladas⁸, pude perceber que as matérias anteriores também auxiliam na interpretação dos gestuais, pois, em alguns momentos, as expressões dos apresentadores estavam relacionadas à matéria que acabava de ser exibida.

No programa apresentado dia 13 de abril, terça-feira, quando o sinal da imagem voltou a exibir os apresentadores à bancada, ambos expressavam um leve sorriso. A

⁷ São lidas pelo apresentador e dá gancho para a matéria que será noticiada.

⁸ São lidas pelo apresentador depois que a matéria foi pro ar, quando a imagem volta para o estúdio.

matéria que acabava de ser mostrada falava sobre os cuidados com a dengue e chamava a atenção sobre os possíveis lugares em que os mosquitos podem depositar seus ovos. Uma das entrevistadas, ao ficar sabendo que atrás da geladeira de sua casa há um compartimento que deixa água depositada e que pode servir de criadouro para o inseto, faz uma expressão de surpresa e diz: “agora vou ter que cuidar da geladeira também”. Kyrillos, Cotes e Feijó (2006, p.86) acreditam que “um sorriso aberto ou mesmo um sorriso fechado no início, meio ou final da mensagem irão abrir o canal de comunicação do profissional com o telespectador e a imagem será suavizada criando maior empatia”.

Dos gestuais manuais e faciais percebidos, os meneios de cabeça foram os mais recorrentes em William e Fátima. Ele apresentou 226 ocorrências e ela 151 (vide apêndice A). Os movimentos de cabeça acontecem de forma quase involuntária no dia a dia, e isso acaba ocorrendo, também, no telejornalismo. Quando estamos conversando com algumas pessoas, inevitavelmente fazemos movimentos com a cabeça sem que percebamos. E no telejornalismo por mais que Curado (2002) nos apresente um conceito diferenciado, em que o apresentador precisa ser imparcial mantendo distanciamento dos fatos noticiados, pequenos movimentos contribuem para a interpretação de uma matéria noticiada. Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) apontam que esses movimentos devem vir ao encontro da entonação dada para a voz dos apresentadores, sendo que um gestual associado com o texto verbal facilita o fechamento de uma mensagem.

No caso dos movimentos que foram percebidos nos âncoras do Jornal Nacional, por exemplo, os meneios de cabeça, são justamente esses movimentos para os lados que enfatizam o que está sendo dito e aos quais as fonoaudiólogas referem-se. Não são movimentos bruscos, porém os de William são mais acentuados que os de Fátima. Os meneios de cabeça dela, na sua maioria, são muito sutis, quase não são percebidos. Se esses movimentos fossem acentuados, chamariam a atenção do público, que poderia não prestar atenção na matéria noticiada. Nesse sentido Curado (2002) parece acertar, pois alerta que o excesso também acaba causando estranhamento para no telespectador, principalmente quando a expressão não condiz com o que está sendo mencionado verbalmente.

Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) ainda abordam o movimento de inferência negativa com as mãos, porém William Bonner e Fátima Bernardes não utilizam este movimento, mas sim o movimento de cabeça para representar alguma negação. Em nenhum momento essa negação foi um posicionamento de ambos, mas sim, um reforço à palavra proferida,

pois Fátima utiliza a negação com meneios de cabeça. Um exemplo ocorre na edição de sexta-feira, 16 de abril, quando faz uma correção e menciona a palavra “não” que é acompanhada de movimentos de cabeça. No caso de William a expressão é percebida quando também mencionava a palavra “não”.

Os movimentos de lábios que percebo nos âncoras não são exagerados. Nesse sentido, pode-se dizer que os movimentos mais fora do comum foram leves sorrisos de ambos, mas que estavam em consonância com o que estava sendo dito verbalmente. Tanto William Bonner como Fátima Bernardes tiveram 11 ocorrências de sorrisos. Estes aconteceram nos encerramentos dos programas ou em matérias como: a da premiação do cantor Roberto Carlos; o resultado dos jogos da rodada de quarta-feira, em que o Santos classificava-se para a próxima etapa da Libertadores; quando Fátima fala sobre os ingressos que estão a venda para a Copa do Mundo na África do Sul; e, também, quando retomam a polêmica da “Taça das Bolinhas”⁹, informando que o título é do São Paulo. Esses sorrisos, em matérias de esportes vêm ao encontro do que Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) defendem, pois trata-se de assuntos mais alegres, por isso a possibilidade de sorrir e não prejudicar a compreensão do que está sendo noticiado, além de compartilhar empatia com o público telespectador.

Ademais os sorrisos, ambos tiveram mais 3 incidências, cada um, de movimentos de apertar os lábios um contra o outro, acompanhados de meneios de cabeça e sobrancelhas. O momento que marca esse gestual, para Fátima, ocorreu na matéria sobre o regime comunista de Cuba, que noticiava uma reforma muito simples, em que os donos de salão que tivessem mais de duas cadeiras em seus estabelecimentos comerciais passariam a trabalhar como autônomos. Como essas pessoas nunca haviam trabalhado de forma liberal, essa condição acabou provocando medo na população. Toda essa conjuntura que viviam até então fazia parte da alienação de um povo que viveu por 40 anos aquela situação. Ao voltar a imagem para o estúdio Fátima apresenta essa expressão dos lábios contraídos, faz um leve movimento com a cabeça para o lado esquerdo e eleva as sobrancelhas. A combinação desses gestos marca o encerramento de uma matéria que havia sido noticiada.

Ao associar o texto trazido anteriormente por Bonner na nota coberta com a expressão de Fátima, entendo que ela demonstra uma indignação em relação a essa

⁹ Primeira taça do campeonato brasileiro de futebol, que deveria ser entregue para a primeira equipe que conquistasse 5 títulos do campeonato brasileiro. Em 1987, anunciaram que o time que receberia a taça seria o Esporte, porém havia ocorrido uma falha durante os jogos que não garantia o prêmio para o mesmo, mas sim, para a equipe do São Paulo. Essa polêmica durou mais de duas décadas.

mudança. Esses gestos podem ser interpretados de tal forma a acreditar que Fátima surpreende-se (sobrancelhas elevadas) e, os lábios contraídos vêm ao encontro de reforçam esse sentido da surpresa, da indignação, tendo os meneios de cabeça a função de acompanhar os demais gestuais, para compor o sentido geral, que é o espanto com algo muito comum para quem vive em países como o Brasil. Nesse momento, acredito que toda essa composição de gestos, me permite afirmar que Fátima se posiciona ao demonstrar tamanha indignação no término da matéria.

Há, ainda, um movimento muito recorrente pelos âncoras que são os movimentos de sobrancelhas. Mais uma vez William apresenta 147 incidências, enquanto Fátima 117 (vide apêndice A), sendo que os meneios de sobrancelhas executados por ela, são leves e não franzem sua testa. Já os movimentos de William são bastante acentuados e chamam a atenção do público, pois quando suas sobrancelhas elevam-se, sua testa movimenta-se com franzidos. Das 147 ocorrências de William, 4 são de sobrancelhas abaixadas e o restante são elevadas. Já Fátima não destaca sobrancelhas abaixadas, apenas elevadas. Os movimentos de sobrancelhas abaixadas de William Bonner acontecem quase sempre nas escaladas dos programas e naqueles em que ele inicia essas escaladas, como é o caso de segunda-feira (12 de abril), quarta-feira (14 de abril) e sexta-feira (16 de abril). Percebo que com as sobrancelhas elevadas o contexto geral de fala e expressão caracterizam o momento como sendo mais sério, de abertura do telejornal, afinal, o programa precisa construir essa ambientação de seriedade, uma de suas principais características do telejornalismo (CURADO, 2002).

Podemos, porém, entender ainda que essas sobrancelhas abaixadas remetem a uma ocasião de concentração para apresentação do Jornal Nacional. Quando as sobrancelhas de ambos estão elevadas, compreendo que estão auxiliando a enfatizar as palavras mencionadas. Um exemplo é quando Fátima diz “Arruda é *liberado*”. Ao mencionar a palavra “liberado” suas sobrancelhas elevam-se fazendo com que esta palavra seja reforçada. Há, ainda, outro momento quando William fala que “*Setecentas pessoas* contrárias à hidrelétrica de Belo Monte no Pará participaram de passeata”. Mais uma vez, ao elevar as sobrancelhas em “setecentas pessoas” ocorre ênfase quanto ao número de pessoas que participaram da passeata.

Assim, os gestuais faciais acabam contribuindo ainda que de forma muito peculiar para o processo de comunicação. São expressões que reforçam o que está sendo dito no texto verbal e em algumas vezes, como é o caso da matéria sobre o regime comunista de

Cuba, os apresentadores acabam demonstrando uma opinião através de um posicionamento. Na próxima subseção detenho-me sobre os gestuais manuais de William e Fátima.

6.2. Gestuais Manuais

Os gestos manuais se executados de maneira correta pontuam a fala. Por isso os movimentos de demarcação realizados pelas mãos fazem com que as palavras verbalizadas ganhem um sentido ainda maior (Kyrillos; Cotes; Feijó, 2006). William, que totalizou 157 demarcações com as mãos, utilizava esse gestual para demarcar frases fortes como, por exemplo, na cabeça da matéria apresentada na terça-feira, dia 13 de abril, abordava as mudanças de temperaturas que aumentam os casos de dengue. Ele disse: “Desde janeiro o noticiário tem destacado *chuva, chuva, chuva*”. Ao repetir a palavra “chuva” sua mão faz o movimento reforçando a intensidade, o volume da chuva.

Outra incidência de demarcação bem recorrente serviu para diferenciar duas ou mais cidades, lugares, pessoas, etc., como quando William abre uma cabeça com a seguinte frase: “O mundo inteiro temeu hoje a repetição de catástrofes que aconteceram no *Haiti* e no *Chile* este ano”. O que reitera a noção de dois incidentes naturais, nesse caso os terremotos.

A posição das mãos sobre a bancada é bastante perceptível, pois quando elas não estão demarcando, na maioria das vezes, estão apenas repousadas na bancada, em posição neutra. Mesmo assim, é possível observar que William, em momento algum, deixou uma das mãos sobre a outra, enquanto Fátima faz esse gestual por 14 vezes (vide apêndice F). Entendo que isso acontece porque como a quantidade de incidências dos demais gestuais de William é maior do que a dela, ou seja, ele executa um maior número de outros gestuais, ela procura manter-se numa posição mais neutra, como é o caso de uma mão estar sobre a outra. É normal acontecer isso em situações comuns do cotidiano, por exemplo, na consulta com um médico. Este coloca uma mão sobre a outra na mesa para escutar o relato dos sintomas e motivos que levam o paciente até seu consultório.

Outro posicionamento de mãos que as fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) trabalham e que percebi e que ocorre no *corpus* é o das mãos em concha e os dedos entrelaçados. Ambos remetem a um repouso, um não pronunciamento da linguagem gestual que, normalmente seria complementar àquilo que é falado, ou seja, é possível inferir que o signo linguístico falado parece suficiente e dá conta de transmitir a mensagem

desejada. É o caso das chamadas das matérias de próximo bloco, de quando termina uma cabeça e de quando uma nota pelada é realizada num enquadramento aberto, ou seja, em que aparecem as mãos. William deixou os dedos entrelaçados por 11 vezes e as mãos em concha por 5.

Já as incidências de Fátima foram menores, pelo fato de ela não se posicionar durante as matérias e, por isso, evita usá-los, tendo deixado os dedos entrelaçados por 6 vezes e as mãos em concha apenas uma. Estes, por sua vez, são os gestuais reguladores e que vão apenas marcar o ritmo da fala dos apresentadores. E como sinalizam Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) o gestual está em consonância com o que é dito verbalmente. O verbal não comunica sozinho, os gestuais contribuem, ainda que de forma menos incisiva.

William Bonner executa o movimento de demarcação 23 vezes e, uma delas, é durante uma nota pelada sobre descobertas realizadas na área da saúde para diagnosticar doenças provocadas pelas enchentes como é o caso da leptospirose. Ele fala: “Leptospirose que se *dissemina* nas enchentes”. Quando ele menciona a palavra “dissemina”, suas duas mãos sobem à bancada demonstrando o que seria “disseminar”, podendo assim o telespectador entender que nestes momentos de enchente os casos de leptospirose propagam-se, aumentam.

É importante ressaltar que os gestuais manuais que inferem o significado de dúvidas não aparecem em nenhum momento dos programas. Tanto William Bonner como Fátima Bernardes, não utilizam esse recurso para expor uma dúvida diante do que estão noticiando. Compreendo que esse gestual não ocorre porque, entre outras razões, como sugere Curado (2002), o profissional da área de comunicação, principalmente aquele que está diante de uma bancada, precisa, além de manter uma postura de seriedade, não se posicionar diante das matérias noticiadas. Ele precisa ainda saber do que está falando e, esse gestual de dúvida pode ser interpretado como um indicativo de que o apresentador não entende como determinada situação aconteceu, o que afetaria a credibilidade do desempenho profissional.

Mais uma vez, portanto, os gestuais manuais também exercem contribuição no processo de comunicação. Não podendo ser interpretado isoladamente, mas sim em relação ao texto verbal e, também, com os gestuais faciais, como procuro discutir a seguir.

6.3. Da comunicação como, pelo(s) e entre gestuais

As linguagens verbal e a não verbal atuam complementarmente, ou seja, o que é dito verbalmente tem apelo de sentido maior, porém os gestuais contribuem para o fechamento/reforçamento desse sentido. Os gestuais faciais e manuais são expressos em conjunto, sendo que nem um nem outro acontece isoladamente. Durante a análise deste *corpus* percebi que tanto os gestuais manuais quanto os faciais acontecem concomitantemente, pois em que um meneio de cabeça é acompanhado de um movimento de demarcação, por exemplo.

Na segunda-feira, 12 de abril, Fátima Bernardes faz a leitura da cabeça da matéria sobre o assassino de 6 jovens na cidade de Luziânia, com alguns meneios de cabeça, demarcação com as mãos e sobrancelhas levemente elevadas. A união desses gestuais permite a inferência de que há indignação quanto à covardia do/a autor/a do crime. E isso reforça o sentido de que há posicionamento. As sobrancelhas elevadas ainda que de maneira muito leve, permite inferir essa indignação, pois os meneios de cabeça e a demarcação com as mãos são recursos para acompanhar o que está sendo dito. Kyrillos, Cotes e Feijó (2006) falam que o excesso de gestuais cansa o telespectador e, durante a análise percebo que além dos gestuais serem contidos, eles também são executados com limites, o que vai ao encontro da teoria das fonoaudiólogas.

Ainda, pude perceber a corroboração desses gestuais na cabeça da matéria sobre o crescimento no mercado varejista, noticiada por William Bonner, na quarta-feira, 14 de abril. Ao chamar a matéria ele executa movimentos com a cabeça, a mão direita demarca na bancada e as sobrancelhas elevam-se. Ao informar o valor do crescimento (que foi de 1,6%) suas sobrancelhas elevam-se enfatizando esse valor, assim como o próprio movimento de demarcação das mãos e os meneios de cabeça. São movimentos que afirmam o período desse crescimento e todos juntos dão sentido maior para as palavras (Kyrillos; Cotes; Feijó 2006).

Nesta análise, por fim, busco descrever como se configura a colaboração da linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro. Com isso percebo que as expressões não verbais, na maioria das ocorrências, são executadas por William Bonner, caracterizando, então como agente (ocupa o cargo mais importante tendo maior ação dentro do telejornal), enquanto Fátima Bernardes atua paciente (seu cargo é de menor importância, comparado ao dele, por isso a participação é neutra, não há ação), não tendo gestos tão interpretativos quanto os dele. Acredito que essa

execução de expressões com maior ênfase por ele está relacionada à função que exerce dentro do telejornal, que é de editor-chefe. Isso faz com que, ou permita que ele se coloque, posicione-se mais do que ela. Embora Curado (2002) recomende que posicionamentos devem ser evitados deixando as interpretações por conta dos telespectadores.

Essa configuração da colaboração da linguagem não verbal no processo de comunicação faz com que possamos entender que o corpo é capaz de oferecer suporte à transmissão e, os gestos além estarem acompanhando a fala, dando ritmo e, até mesmo, contribuindo para o fechamento do sentido da mensagem, também podem expressar um posicionamento do âncora, como foi possível perceber na matéria sobre a mudança no regime comunista de Cuba, em que Fátima demonstra indignação com a situação de medo da população, e isso não está explicitado no texto verbalizado.

Com a transcrição das cabeças e notas peladas, foi possível interpretar os gestuais com mais facilidade, pois o que é verbalizado é parte fundamental na compreensão da mensagem e, a linguagem não verbal acaba servindo como suporte à tentativa de fechamento de sentido do que foi dito verbalmente. Assim, acredito que a linguagem não verbal colabora no processo de comunicação do telejornalismo e o público com o seu próprio conhecimento pode fazer suas interpretações, pois os gestuais percebidos no telejornalismo assemelham-se às atividades diárias, porém são regulados para aquela situação. E tanto o excesso, quanto a falta, podem ser percebidos de forma negativa pelo telespectador, pois o excesso cansa e a falta gera uma sensação de rigidez e apatia.

7. CONSIDERAÇÕES

Neste artigo procurei trazer conceitos sobre o telejornalismo para assim poder delinear sua história e seu processo de produção possibilitando o entendimento de termos próprios desta mídia. Abordei ainda os possíveis usos da linguagem não verbal nesse segmento, além do histórico do Jornal Nacional, objeto desta pesquisa. Para desenvolver a análise, tomei por base a obra publicada pelas fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes e Feijó (2006). A publicação foi fundamental para o embasamento da análise que desenvolvi, pois as autoras trabalham com a orientação do uso da linguagem não verbal na área de comunicação em TV. Com isso busquei descrever como se configurava a linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro, por meio do estudo do caso Jornal Nacional.

Com o percurso da pesquisa e da análise superados, percebo que a linguagem verbal prevalece para o entendimento do telespectador, porém os recursos não verbais, no caso os gestuais manuais e faciais, possibilitam enfatizar o que está sendo dito verbalmente e em alguns momentos demonstram posicionamentos. A resposta ao problema que levanto nessa pesquisa, de buscar entender como se configura a colaboração da linguagem corporal à frente da bancada no processo de comunicação do telejornalismo brasileiro, indica que sim, positivamente há colaboração, pois a falta de gestuais pode tornar a apresentação do telejornal rígida, fazendo com que o público não se sinta à vontade enquanto assiste ao programa. Essa colaboração, contudo, acontece de forma minuciosamente articulada, pois são gestuais leves e muito semelhantes aos que presenciamos no dia a dia, além de precisamente colocados. As expressões utilizadas não interferem no texto verbal, ao contrário, vêm contribuir com o fechamento de sentido da mensagem.

Em alguns momentos esses gestuais que não acontecem por acaso, não são aleatórios, ou seja, são gestos do dia a dia regulados, normatizados com esse propósito de fechamento de sentido da mensagem acabam sendo desenvolvidos e expressando um posicionamento do apresentador. Na grande maioria das vezes, esse posicionamento pessoal se manifestou através de uma indignação, pois como se percebe na análise, eram matérias que traziam assuntos polêmicos e, as pessoas, em geral, tendem a se manifestar sobre esse tipo de assuntos. E, também, percebi que a não presença de gestuais de dúvidas, que nos programas analisados não foram desenvolvidos, está relacionado com o fato de que esse gestual acabaria afetando a credibilidade do desempenho profissional.

Assim sendo, acredito que em posse dos dados obtidos através da análise, o espaço destinado para relatar e ponderar extensa e exaustivamente essas impressões é insuficiente. Isso fez com que eu me detivesse aos elementos mais fortes, no caso os gestuais que mais se destacaram para responder ao meu problema de pesquisa. Agregados a isso, há também o fato de não haver outras obras, a não ser a de Kyrillos, Cotes e Feijó, que abordem a aplicação linguagem corporal em TV. Ademais isso, só é possível traçar comparativos apenas com o que os autores de telejornalismo abordam, porém, sem grande detimento sobre os recursos não verbais de linguagem no telejornalismo.

Embora seja uma pesquisa inédita, que aborda um tema pouco discutido no telejornalismo, penso que outros trabalhos possam surgir a partir deste. Entre as possibilidades estaria a aplicação da mesma análise a outro telejornal da mesma emissora ou, ainda, de outra emissora em igual segmento de horário. Esse tipo de coleta e análise

fomentaria comparativos do uso de linguagem não verbal em telejornais, contribuindo para a elaboração de um amplo painel que ilustrasse esse cenário comunicacional brasileiro. Dessa forma, poder-se-ia traçar um contraponto das diferenças e das paridades de gestuais, percebendo a configuração dos mesmos no processo de comunicação.

A própria escassez de fontes sobre esse assunto pode ser apontada como um indicativo da importância desse trabalho. Afinal, se não há um acervo disponível para pesquisa, será justamente o resultado dessas novas e, possivelmente pioneiras, investigações que vai fomentar sua montagem. Mais que isso, poderá despertar interesse de outros profissionais da área a investirem esforços para organização de grupos de estudos e, conseqüentemente, a elaboração de novas obras que versem sobre a linguagem não verbal no telejornalismo.

Para finalizar, considero que a temática que trago neste trabalho, embora ainda incipiente e quase despercebida nas áreas de Comunicação e das Ciências Sociais, deveria ser não só abordada, mas ampliada durante o processo acadêmico. Como busquei investigar e tentei demonstrar, os gestuais podem despertar estranhamento no público quando utilizados em excesso e, também, quando faltam. Por isso, acredito que este artigo contribui de forma a reforçar que os gestuais são importantes conectores na comunicação telejornalística, participando no esforço de direcionamento/fechamento de sentido das mensagens verbalmente expressadas.

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV Regional: Trajetória e perspectivas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de Fazer**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. 2. ed. São Paulo: Alegro, 2002.

KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah. **Voz e Corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2006.

PICCININ, Fabiana. **O telejornal de “intermezzo”**: Questões sobre a TV e o jornalismo em transição. Disponível em:
<http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coordenada_3_.fabiana_piccini.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2010.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de Investigação Científica**. Tubarão: Unisul, 2002, p.210-216.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2002.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p.55-83.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ZAHAR, Jorge. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Geográfica Editora, 2004.

APÊNDICE A

Tabela 01 – Ocorrência total dos gestuais dos âncoras no Jornal Nacional

William Bonner			Fátima Bernardes	
Tipo de Gestual		Ocorrência	Tipo de Gestual	Ocorrência
Manual	Demarcação	157	Demarcação	72
	Enumeração	2	Enumeração	-
	Mão sobre a outra	-	Mão sobre a outra	14
	Mãos em concha	5	Mãos em concha	1
	Dedos entrelaçados	11	Dedos entrelaçados	6
	Demonstração	23	Demonstração	27
	Dúvida	-	Dúvida	-
	Negação	2	Negação	1
Facial	Meneios de cabeça	226	Meneios de cabeça	151
	Sobrancelhas elevadas	143	Sobrancelhas elevadas	117
	Sobrancelhas abaixadas	4	Sobrancelhas abaixadas	-
	Boca e lábios	3	Boca e lábios	3
	Sorriso	11	Sorriso	11
Total		587	Total	403